

Um livro vai para além de um objecto. É um encontro entre duas pessoas através da palavra escrita. É esse encontro entre autores e leitores que a Chiado Editora procura todos os dias, trabalhando cada livro com a dedicação de uma obra única e derradeira, seguindo a máxima pessoana "põe tudo quanto és no mínimo que fazes". Queremos que este livro seja um desafio para si. O nosso desafio é merecer que este livro faça parte da sua vida.

chiadoeditora.com

© 2012, Sara Marques Pereira, Francisco Lourenço Vaz e Chiado Editora
E-mail: info@chiadoeditora.com

Título: Universidade de Évora (1559-2009) – 450 anos de Modernidade Educativa

Coordenação editorial: Martina Ricci

Composição gráfica: Vítor Duarte – Departamento Gráfico

Capa: Vítor Duarte – Departamento Gráfico

Fotografia da capa: Susana Rodrigues.

"Experiência dos Hemisférios de Magdeburgo" (1654). Paineis de azulejos, sec. XVIII
na 'Sala da Física' (120) do Colégio do Espírito Santo – Universidade de Évora

Impressão e acabamento: BREAK PRINT

1.ª edição: Outubro, 2012

ISBN: 978-989-697-651-4

Depósito Legal n.º 343550/12

Coordenação de
SARA MARQUES PEREIRA E FRANCISCO LOURENÇO VAZ

UNIVERSIDADE
DE
ÉVORA
(1559-2009)

450 Anos de
Modernidade Educativa

Chiado Editora

CAPÍTULO IV

**CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DA AXIOLOGIA
EDUCACIONAL PATRICIANA: CONSEQUÊNCIAS
PEDAGÓGICAS DA RAÍZ GERMÂNICA DA AXIOLOGIA**

José Carlos Casulo
Artur Manso
Custódia Martins
José António Afonso
(Universidade do Minho)

Introdução

Depois do bisseccular sono em que o Marquês de Pombal a induziu, a Universidade de Évora despertou e encarou a formação de professores como uma das tarefas iniciais da sua nova vida. Na componente curricular pedagógica deste trabalho, uma entre outras disciplinas houve que, desde o começo da década de oitenta do século findo, foi palco do magistério de Manuel Ferreira Patrício: *Axiologia Educacional*.

Baseando-se nesta particular faceta da sua actividade docente, redigiu o nosso autor o livro intitulado *Lições de Axiologia Educacional*, como no prefácio do qual, aliás, ele próprio no-lo diz: “o essencial do texto tem sido ministrado, nos últimos anos, sob a forma de lições” (Patrício, 1993, 15).

A nossa intenção é, partindo do capítulo sétimo desta obra, apresentar as consequências pedagógicas que Manuel Patrício extrai das teses defendidas pela corrente da filosofia dos valores, que, entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX, marcou presença na filosofia germânica, através de Lotze, de Brentano, de von Meinong, da Escola de Baden (Windelband, Rickert, Bauch e Münsterberg), de Scheller e de Hartmann, pensadores todos eles tidos em conta pelo nosso autor na sua exposição.

Dado, porém, o estrito objectivo que aqui nos norteia, deter-nos-emos tão só naqueles destes filósofos em que se torna visível que o reitor eborense considerou, no referido texto-fonte, haver ilações pedagógicas a retirar das respectivas teses axiológicas – Brentano, Windelband, Rickert, Scheller e Hartmann – e só destas. Assim é porque, se mais nos alongássemos, teríamos que acompanhar Patrício na sua navegação interpretativa pelo mar da substancialidade filosófica, de fonte eminentemente kantiana, que subjaz ao pensamento

axiológico dos autores em causa, trabalho este que, naturalmente, nos levaria a ultrapassar, em muito, os limites próprios de um texto académico da natureza do presente.

1. Franz Brentano (1838-1917)

Quanto a Brentano, realça Patrício a inter-relação entre ética e axiologia: não só os valores se conhecem e hierarquizam no horizonte da ética, como também “a valoração correcta dos objectos e dos fins bons [...] é o fundamento real da ética” (Patrício, 1993: 233).

Esta valoração, todavia, depende de uma escolha que, ultimamente, é a escolha entre o que é bom e o que é mau, sendo que tal escolha necessita de um acto de conhecimento prévio, um juízo que, sem deixar de ser um acto lógico, se torna, pela sua finalidade, um juízo moral. Assim, é na consciência que o Homem se decide e opta pelo bem, e que, neste horizonte, distingue entre o que vale menos e o que vale mais, preferindo o que vale mais ao que vale menos e agindo em consequência.

Não obstante, sempre poderá haver erro nesta opção, o que seria devido, segundo Brentano, aos juízos cegos, isto é, a juízos que, porque afectados pela “acção de impulsos cegos dos instintos” (ibidem: 234), confundem o que é bom com o que é mau, levando à opção errada pelo que vale menos em detrimento do que vale mais.

Nesta interpretação do pensamento de Brentano, sublinha o nosso autor três aspectos dos quais infere outras tantas consequências pedagógicas. O primeiro é o do objectivismo ético de Franz Brentano, que, ao defender a existência de “valores éticos objectivos dos quais se tem uma experiência evidente” (ib.), sustentaria um objectivismo pedagógico concretizável no paradigma de um educador axiologicamente seguro, cuja actuação não se submeteria à instabilidade do subjectivismo individual.

O segundo aspecto, o da consciência ética que distingue e escolhe aquilo que vale mais porque mais se aproxima do bem, leva o reitor eborense a afirmar a urgência de educar essa consciência no sentido de a tornar cada vez mais capaz de produzir juízos morais e de, deste modo, encaminhar cada um, as diferentes sociedades e a própria humanidade, para o bem.

A este segundo aspecto liga-se intimamente o terceiro, o dos juízos cegos que induzem o Homem em erro axiológico e ético. Daqui infere Patrício a imperatividade de uma educação negativa capaz de conter os impulsos instintivos causadores de tais juízos e, por consequência, como vimos, do erro moral.

2. Escola de Baden

2.1. Wilhelm Windelband (1848-1915)

Em Windelband, encontra o nosso autor uma visão predominantemente axiológica da filosofia, entendida mesmo como ciência dos valores universais, tese esta à qual se teria

que seguir, necessariamente, a tese de que a axiologia deve ser encarada como “o reino completo da filosofia verdadeiramente crítica” (ib.: 238)

Para Manuel Patrício, desta concepção derivam duas ideias pedagógicas. A primeira é a de que também a pedagogia tem de ser afirmada como reino dos valores, ou seja, como saber, teórico e prático, em tudo subordinado à axiologia. A segunda é a de que, sendo uma filosofia crítica aquela que Windelband tinha em mente, isto é, uma filosofia ao nível da consciência normativa (e não da consciência constativa) e que estende a sua indagação não apenas às ciências da natureza mas também às ciências do espírito (ou da cultura), então também a pedagogia terá de ser crítica, já quanto à sua fundamentação epistemológica na consciência normativa, já quanto ao acolhimento que dá a um e outro ramos do conhecimento científico – o natural e o espiritual/cultural.

No primeiro caso, entende o nosso pensador que a “neutralidade da escola pública coincidiria [...] com uma pedagogia rigorosamente crítica” (ib.: 239). Do segundo caso, conclui que a “educação deve, pois, ser culturalista [ou espiritualista] e não naturalista [...], deve ser axiológica e não meramente constativa” (ib.).

2.2. Heinrich Rickert (1863-1936)

Seguidor de Windelband, após cujo falecimento, aliás, veio a substituir na cátedra vacante, Rickert é-nos apresentado por Patrício como inovador, relativamente àquele, em duas questões: a da distinção entre ciências da natureza e ciências do espírito e a da estruturação de uma taxonomia dos valores.

Relativamente à distinção entre ciências da natureza e ciências do espírito, o nosso autor apresenta os seguintes três aspectos que, na óptica de Rickert, as diferenciam, aspectos dos quais retirará implicações pedagógicas: 1º) umas e outras têm por objecto material mundos distintos, a saber, o mundo da natureza (ciências da natureza) e o mundo do espírito (ciências do espírito); 2º) socorrem-se de métodos diferentes – o natural (ciências da natureza) e o histórico (ciências do espírito); 3º) nas ciências da natureza há uma ausência absoluta de referência a qualquer valor, ao passo que nas ciências do espírito há sempre referência a valores.

De tudo isto conclui Patrício que, porque educar é transformar o Homem incluindo-lhe valores, ou seja, acrescentar à sua condição de ser da natureza a condição de ser cultural, então a pedagogia, sem desprezar as ciências da natureza, porque estas a informam sobre o que o Homem é enquanto ser da natureza, terá que se referir principalmente às ciências culturais/do espírito e integrar mesmo o seu universo.

Já da taxonomia axiológica de Rickert, que pormenorizadamente apresenta, bastando-nos aqui frisar que ela se estrutura em seis grandes categorias de valores (lógicos, estéticos, místicos, éticos, eróticos e filosófico-religiosos), da taxonomia axiológica de Rickert, dizíamos, o nosso autor conclui que ela “constitui uma bússola axiológica preciosa

para o educador, permitindo-lhe mesmo ajustar programas educativos personalizados às vocações axiológicas dos seus educandos” (ib.: 243).

3.3. Max Scheller (1874-1928)

Manuel Patrício expõe a axiologia schelleriana em três pontos – 1) natureza, 2) captação e 3) hierarquização dos valores, – alongando a sua reflexão, no âmbito deste último tema, ao valor da pessoa.

Sobre a natureza dos valores, diz o nosso autor que Max Scheller entendia que estes não eram nem propriedades dos objectos reais dos quais se predicavam, nem estes mesmos objectos, mas eram, isso sim, objectos ideais, onticamente independentes dos objectos reais, portanto, mas concretizáveis nas propriedades destes (nos seus bens).

Captam-se, isto é, conhecem-se, pela emoção e não pela razão, sendo este conhecimento emocional que leva o sujeito cognoscente a preferir o que vale sobre o que não vale e a preferir o que vale mais sobre o que vale menos. Explicando este conceito de preferência escreve Patrício:

“A superioridade de um valor só se conhece, pois, – só se dá-, no acto de preferir. Preferir não é, portanto, reconhecer a superioridade de um valor, mas verdadeiramente constituí-la. Preferir não é. E ainda não é escolher. A escolha vem depois da preferência, na qual se funda” (ib.: 254).

Os valores hierarquizam-se, enfim, em quatro classes, de acordo com a seguinte graduação ascensional: 1) valores da agradabilidade e da desagradabilidade, que são aqueles que dizem respeito aos sentidos; 2) os valores vitais, que se prendem com a vida (saúde, doença...); 3) valores espirituais, tanto na ordem estética (belo), como na ordem ética (bem) e na ordem lógica (verdade); 4) valor absoluto, predicável apenas de Deus “Espírito pessoal e infinito, fundamento de todos os valores possíveis e fonte do reino dos valores” (ib.: 253). Aqui lança âncora, como se percebe, o personalismo schelleriano: o ser humano, na medida em que, emocionalmente, apreende o valor transcendente da pessoa e o concretiza em si, torna-se ser pessoal, pessoa humana, elevando-se, portanto, a uma dignidade absoluta, porque de origem divina.

Da axiologia schelleriana, ou, mais correctamente, das teses schellerianas sobre o conhecimento dos valores e sobre o valor da pessoa, extrai o nosso pensador ilações para a pedagogia. Em primeiro lugar, no concernente à questão da captação dos valores, Patrício considera ser função de uma pedagogia axiológica “que aceite as orientações schellerianas” (ib.: 254) contribuir para aperfeiçoar a capacidade de preferir. Este desiderato, em seu entender, alcançar-se-ia numa relação pedagógica em que o educador levasse o educando a ser capaz de preferir o valor superior ao inferior, encontrando-se, assim, na verificação de

que o educando se tinha tornado capaz de tais actos, o critério da determinação do sucesso de um dado processo educativo.

Em segundo lugar, Manuel Patrício retira da afirmação schelleriana do valor supremo da pessoa a impossibilidade de a reflexão pedagógico-fundamental não ter em conta “a evidência da posição central da pessoa humana no acto e no processo educativos” (ib.: 266).

3.4. Nicolai Hartmann (1822-1950)

Debruçou-se o nosso autor, por fim, sobre a axiologia da Hartmann, seguindo, na sua análise, um caminho semelhante ao efectuado a propósito de Max Scheller. Assim, sobre a natureza e conhecimento dos valores, é frisado o entendimento hartmanniano segundo o qual os valores existem idealmente, mas objectivam-se na realidade, sendo captados emocionalmente. O valor, então, para ser conhecido, depende do sujeito, como dele depende para ser concretamente realizado, o que, quando acontece, confere à realidade valorizada o estatuto de “criação do espírito pessoal” (ib.: 278). É, então, o ser humano, enquanto ser pessoal, “o lugar de manifestação e realização dos valores” (ib.).

Daqui se seguem, segundo Patrício, duas virtualidades de índole pedagógica. Por um lado, a afirmação de Hartmann de que é o sujeito pessoal que realiza no concreto os valores, leva o nosso pensador a concluir que cabe à educação promover, diz Patrício citando o próprio Hartmann, “os mais puros representantes do espírito objectivado” (ib.: 276), isto é “as criações da literatura, da poesia, das artes plásticas, da música” (ib.). Por outro lado, a mesma afirmação coloca

“o pedagogo em mais sólida situação para articular correctamente o relativo da sua mediação – que é uma mediação da mediação – com o absoluto do referente [o que] numa época de dissolvente relativismo como é esta [...] [não é] de somenos importância para a navegação educativa” (ib.: 279.280).

Conclusão

As implicações pedagógicas que Manuel Ferreira Patrício encontra nas raízes germânicas da filosofia dos valores levam-nos a destacar, em jeito conclusivo, algumas linhas do pensamento do nosso autor, sob dois pontos de vista: o do estatuto da pedagogia e o da concepção da educação.

Começando pelo primeiro aspecto, parece-nos claro que o reitor eborense pugna por uma pedagogia entendida como saber racional sobre educação assente na consciência normativa e que, por consequência, assume uma orientação sobre como agir no real educacional concreto, não se limitando a constatá-lo, nem especulando sobre o que está para além da sua órbita.

Mas, ao ser normativa, a pedagogia toma opções, opções que, como se pode depreender do que foi exposto, são sempre opções baseadas na preferência pelo valor e pelo valor maior sobre o valor menor. A pedagogia, assim, em Manuel Patrício, vive em íntima comunhão com a axiologia, servindo-a nas orientações que emana para prática educativa. Recordando a máxima escolástica *philosophia ancilla theologiae est*, diríamos que, em Patrício, *paedagogia ancillae axiologia est*.

Porém, sendo o valor que, promovido no educando, o eleva de ser natural (que permanece sendo) a ser cultural, ou espiritual, então, da ligação íntima da pedagogia à axiologia resulta, no nosso pensador, que o saber do qual a pedagogia necessita para promover a transformação cultural do Homem terá de ser o saber sobre a cultura, ou, por outras palavras, muito mais das ciências da natureza, que estudam o Homem enquanto ser da natureza, é fundamentalmente às ciências da cultura, ou do espírito, que a pedagogia terá que ir beber.

A este estatuto epistemológico da pedagogia corresponde, no nosso autor, uma concepção de educação que, obviamente, só pode levar o epíteto de cultural. A educação é o processo pelo qual, no real concreto, se transmite cultura, isto é, se transmite aquela produção espiritual que, porque possuidora de valor, eleva o Homem, transmutando em ser pessoal aquele que apareceu aí como ser da natureza.

O educador mais capaz para executar esta tarefa será aquele que, como atrás vimos, se mostrar axiologicamente seguro. O melhor modo de conseguir executá-la será, subjazendo à aplicação dos programas educativos cujos conteúdos são coerentes com tal visão, será, dizíamos, educar a consciência moral para que esta, não soçobrando ao se deixar enganar pelos instintos, seja capaz de preferir o valor maior ao valor menor, de escolher em conformidade, e, assim, elevar o Homem à esfera da pessoa, fim último, este, da concepção patriciana da educação.

Bibliografia

- CASULO, José Carlos (2008): "Da pedagogia fundamental patriciana à escola cultural". In: J. M. de Barros Dias, Luís Sebastião org. Da Filosofia, Da Pedagogia, Da Escola: *Liber Amicorum Manuel Ferreira Patrício*. Évora: Universidade de Évora, 137-154.
- DIAS, J. M. de Barros (2008): "O pensamento filosófico de Manuel Ferreira Patrício". In: J. M. de Barros Dias, Luís Sebastião org. Da Filosofia, Da Pedagogia, Da Escola: *Liber Amicorum Manuel Ferreira Patrício*. Évora: Universidade de Évora, 7-25.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1993): Lições de axiologia educacional. Lisboa: Universidade Aberta.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira org. (1997): A escola cultural e os valores. Porto: Porto Editora.
- SEBASTIÃO, Luís (2008): "Do cogito antropagógico à escola cultural". In: J. M. de Barros Dias, Luís Sebastião org. Da Filosofia, Da Pedagogia, Da Escola: *Liber Amicorum Manuel Ferreira Patrício*. Évora: Universidade de Évora, 115-126.